

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Vitória Coelho Tarouco

**TRADUÇÃO DE DIALETOS EM *TRAINSPOTTING*:
o dialeto porto-alegrense como solução**

Porto Alegre

2018

Vitória Coelho Tarouco

**TRADUÇÃO DE DIALETOS EM *TRAINSPOTTING*:
o dialeto porto-alegrense como solução**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharela em Letras – Tradutora Português/Inglês,
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ian Alexander

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Tarouco, Vitória Coelho
TRADUÇÃO DE DIALETOS EM TRAINSPOTTING: o dialeto
porto-alegrense como solução / Vitória Coelho Tarouco.
-- 2018.
67 f.
Orientador: Ian Alexander.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Trainspotting. 2. Irvine Welsh. 3. Tradução. 4.
Dialeto. I. Alexander, Ian, orient. II. Título.

Vitória Coelho Tarouco

**TRADUÇÃO DE DIALETOS EM TRAINSPOTTING:
o dialeto porto-alegrense como solução**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras
– Tradutora Português/Inglês.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Vescia Zanini - UFRGS

Prof. Dra. Márcia Moura da Silva - UFRGS

Prof. Dr. Ian Alexander – UFRGS (orientador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Ian Alexander pelo entusiasmo, bom-humor e apoio, que tornaram esse processo muito mais divertido e me permitiram sonhar mais alto.

Aos professores do curso de Letras, que tornaram esses últimos anos uma experiência inesquecível. Obrigada por não deixarem que a timidez se tornasse uma barreira pra mim.

Aos meus pais, Argileu e Regina, pela cobrança constante, pelo apoio nos momentos mais difíceis e pelos abraços reconfortantes.

Ao meu irmão, Rafael, pela segurança e calma. Minha eterna fonte para sanar dúvidas.

Ao Gabriel, pelas puxadas de orelha para voltar a trabalhar no TCC, mesmo significando não nos vermos durante semana.

Ao meu avô do coração, Padre Nelson, que acreditou em mim desde o princípio.

À Mivó e Eza.

“By definition, you have to live until you die. Better to make that life as complete and enjoyable an experience as possible, in case death is shite, which I suspect it will be.”

(Irvine Welsh)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o uso de dialetos na obra *Trainspotting*, do escritor escocês Irvine Welsh, e a forma como os mesmos foram traduzidos para o português, seja na versão uniformizada do português ou na tradução própria feita para o dialeto porto-alegrense. Uma comparação entre a tradução oficial, feita por Galera & Pellizzari, e a minha própria tradução é feita a fim de avaliar a maneira que alguns elementos-chaves para a manutenção dos efeitos da obra original foram recuperados ou perdidos. Os trechos selecionados são centrados na personagem Mark Renton e nos aspectos relacionados à sua fala. Discute-se neste trabalho as semelhanças entre Porto Alegre e Edimburgo visando validar a escolha do porto-alegrês; o uso de escrita parcialmente fonética de Welsh; e o uso do dialeto como um gesto político contra a marginalização das línguas. A metodologia utilizada consiste em uma análise comparativa entre duas traduções delimitada por três capítulos selecionados do original. Busquei a base teórica sobretudo nos trabalhos de Moura (2016), Zikmundová (2014), Garcez (1999) e Mašlaň (2006), que tecem considerações sobre dialeto e língua, a associação de dialeto à marginalidade e seu impacto na tradução.

Palavras-chave: Irvine Welsh. *Trainspotting*. Tradução. Dialetos. Porto-alegrês.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the use of dialects in *Trainspotting*, by the Scottish writer Irvine Welsh, and how those dialects were translated into Portuguese, either in the standardized version of Portuguese or in my own translation into the *porto-alegrense* dialect. A comparison between the official translation, made by Galera & Pellizzari, and my translation is done in order to evaluate the way some key elements for maintenance of the effects of the original have been recovered or lost. The selected excerpts are centered on the character Mark Renton and also on some aspects related to his speech. In this work it is presented: the similarities between Porto Alegre and Edinburgh aiming to validate the choice of the *porto-alegrês*; the use of Welsh's partially phonetic writing; and the use of the dialect as a political gesture against the marginalization of languages. The methodology used is a comparative analysis between two translations, delimited by three chapters selected from the original. As a theoretical basis, the studies consulted are Moura (2016), Zikmundová (2014), Garcez (1999) and Mašlaň (2006).

Keywords: Irvine Welsh. *Trainspotting*. Translation. Dialects.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dialeto periférico e dialeto padrão – proporções de população	10
Tabela 2 – Tradução de palavrões	29
Tabela 3 – Marcas dialetais nas traduções e no original	29
Tabela 4 – Tradução de cantiga infantil	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 EDIMBURGO E PORTO ALEGRE: CONTEXTO, POLÍTICA E DIALETOS.....	10
2.1 AS SEMELHANÇAS SÓCIO-HISTÓRICAS: A CRISE DOS ANOS 1980, AIDS E DROGAS.....	10
2.2 OS DIALETOS ESCOCESES	13
2.2.1 Scots e Scots Central	14
2.2.2 Inglês Escocês.....	16
2.3 O DIALETO PORTO-ALEGRENSE	17
3 TRAINSPOTTING, A VOZ DA MARGINALIDADE.....	20
3.1 A REPRESENTAÇÃO DA VOZ MARGINAL.....	20
3.2 A LÍNGUA MARGINAL: DIALETO EM TRADUÇÃO E O PORTO-ALEGRÊS	22
4 O DIALETO PORTO-ALEGRENSE COMO SOLUÇÃO.....	27
4.1. GÍRIAS, ORALIDADE E PALAVRÕES TRADUZIDOS PARA O PORTO-ALEGRÊS	27
4.2. MARK RENTON	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38
.....	

1 INTRODUÇÃO

Considerado um dos melhores romances do escritor Irvine Welsh, *Trainspotting*, desde sua publicação em 1993, vem conquistando cada vez mais leitores. Parte do que contribui para o grande sucesso da obra, para a consequente tradução para mais de 15 idiomas e para a adaptação para o cinema são os temas de cultura marginal, a crítica à sociedade e a forma que temas tabus são tratados, como o vício em heroína e prostituição. No entanto, há outro aspecto do livro que contribui para que seja tão marcante: *Trainspotting* é escrito em uma mistura de Scots, inglês Escocês e inglês Britânico. Ao ler esse livro escrito em três dialetos, apesar de existir um debate quanto à classificação do Scots, mesmo o leitor nativo do inglês por vezes não vai entender algumas palavras e para tanto precisará ter total atenção na leitura. Na primeira vez que li este livro, em 2014, fiquei fascinada pela tarefa de decifrar o que se encontrava nas páginas à minha frente, que ora pareciam tão claras e ora, apesar de semelhantes em grafia a palavras que conhecia, eram um verdadeiro mistério. Desde então a ideia de trabalhar com esse livro se tornou uma constante nos meus pensamentos. Após iniciar os estudos de tradução no curso de letras, comecei a compreender a difícil tarefa que é traduzir um texto com um dialeto e as decisões que precisam ser tomadas nesse processo.

O caso de *Trainspotting*, com sua variedade de dialetos, se torna ainda mais significativo ao considerarmos o número de traduções existentes. Entre essas traduções há a versão brasileira de 2004 feita por Galera & Pellizzari, que tem um tom mais uniformizador. Infelizmente, não consegui entrar em contato com os tradutores para entender melhor seu processo tradutório, porém há no final de cada livro uma breve nota com alguns comentários sobre as escolhas feitas. A tradução oficial do livro cumpre bem as tarefas de preservar parte da escrita fonética de Welsh e de não focar em regionalismos, no entanto não era essa a abordagem que, como leitora do original, esperava encontrar. Meu objetivo inicial neste projeto era apenas comparar original e tradução, mas quando minhas expectativas não foram atendidas, comecei a questionar os processos de tradução e decidi que deveria tentar fazer a minha versão com uma nova perspectiva.

Ao traduzir uma narrativa que possua variedades não padrão, o tradutor se encontra diante de dois possíveis caminhos, ignorar completamente essas variedades e traduzir o texto para a linguagem padrão, ou, tentar encontrar uma forma de representar essa variedade na língua de chegada. Primeiro caminho pode ser considerado problemático por apagar traços usados intencionalmente pelo autor que podem alterar para o leitor a percepção de personagens e da

narrativa e, no entanto, apesar destas mudanças significativas, continua sendo muito utilizado. Um exemplo seriam os livros da saga Harry Potter, onde há o apagamento do sotaque da personagem Hagrid (SANTOS, 2011). A outra solução seria a ideal, mas também possui seus riscos e grandes impactos no texto. Ao optar por buscar uma equivalência de dialetos na língua de chegada, o tradutor corre o risco de sugerir que as culturas são iguais e de mudar completamente o contexto da história. Além disso, a equivalência precisa servir tanto para contexto o geográfico quanto para a voz das personagens e enredo. Uma tarefa hercúlea que exige conhecimentos sociolinguísticos e muita pesquisa por parte do tradutor. É preciso que o tradutor esteja familiarizado tanto com o dialeto encontrado no original quanto com o da língua alvo (MAŠLAŇ, 2006).

Uma possível explicação para o fato de que uma grande maioria dos tradutores, quando confrontados por dialetos nos textos que estão trabalhando, opte por padronizar a linguagem para variedade padrão é que há ainda muito a ser discutido sobre o assunto nos poucos cursos de tradução. Em minha experiência no curso de graduação, a tradução de dialetos foi abordada apenas algumas raras vezes e nunca foi discutida a fundo. Há também certa expectativa com relação ao público leitor, o que torna o tradutor refém do mercado editorial e suas determinações. Mas há textos que precisam ser abordados de outra forma. *Trainspotting*, por exemplo, é um caso que exige uma proposta diferente da tendência de padronizar a linguagem do texto, visto que o uso de variedades que fogem do inglês padrão deve ser visto como um ato contra a marginalização de dialetos no caso deste romance (ASHLEY, 2010). O próprio autor declarou em uma entrevista registrada em *Peddie (2007)* que o uso de uma linguagem padrão faria o texto soar pedante e pretensioso e que, portanto, uma linguagem vernacular seria mais adequada à voz da narrativa.

Considerando as intenções do autor e o contexto por trás das escolhas tradutórias para dialetos nos livros publicados no mercado brasileiro e da tradução oficial para o português de *Trainspotting*, proponho então uma tradução de trechos centrais da obra sob uma nova perspectiva. Em vez de padronizar a linguagem do livro, buscando uniformizar e cortar regionalismos de forma a tornar a linguagem compreensível em todo o país, optei por usar o dialeto porto-alegrense como espécie de equivalente para os dialetos usados por Welsh. Por ser meu dialeto, estou familiarizada com gírias, pronúncia e outros aspectos que fariam com que a tarefa de tentar transpor alguns aspectos o estilo de Irvine Welsh se torne menos árdua. Acredito também que seja possível traçar um paralelo entre Edimburgo e Porto Alegre durante o mesmo período.

Meu objetivo, portanto, é analisar e comparar a tradução oficial de *Trainspotting* com a minha tradução, distinguindo as soluções e diferenças para o original, bem como as

semelhanças entre Edimburgo e Porto Alegre, além do impacto do uso de dialetos com escrita mais fonética. Além disso, pretendo discutir, também, as possibilidades de recepção da obra em um mercado limitado a obras escritas na variedade padrão mais próxima de São Paulo e Rio de Janeiro.

2 EDIMBURGO E PORTO ALEGRE: CONTEXTO, POLÍTICA E DIALETOS

2.1 AS SEMELHANÇAS SÓCIO-HISTÓRICAS: A CRISE DOS ANOS 1980, AIDS E DROGAS

É possível traçar um paralelo entre a cidade de Edimburgo e Porto Alegre tanto no que diz respeito aos aspectos sócio-históricos quanto às questões linguísticas envolvendo dialetos. Ao pensar minha tradução, minha primeira ideia foi buscar algo mais próximo do dialeto do Rio de Janeiro, porém após refletir sobre o assunto, optei por usar o dialeto porto-alegrense.

Parte do que torna possível o uso desta variedade na tradução são as grandes semelhanças entre as duas cidades, afinal *Trainspotting* se passa em Leith, uma região periférica de Edimburgo, e o uso de Porto Alegre, localizada no extremo sul do país, seria um equivalente geográfico interessante. Apesar de ser a capital da Escócia, Edimburgo é considerada menos importante que Glasgow, a maior cidade do país, que por vezes é confundida com a capital oficial. Além de ser ofuscada pela popular Glasgow, Edimburgo fica em uma posição ainda mais inferior quando comparada a Londres, capital da Inglaterra e do Reino Unido. Já Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, quando comparada com as demais capitais das regiões sul e sudeste do Brasil, acaba ficando em uma posição inferior a São Paulo e Rio de Janeiro – mais populares e com maior visibilidade no mundo.

Tabela 1 – Dialeto periférico e dialeto padrão – proporções de população

		Original		Tradução	
Dialeto periférico – área metropolitana	Edimburgo	1.339.380	Porto Alegre	4.405.769	
Dialeto padrão – área metropolitana	Londres	8.825.000	São Paulo	22.391.624	
Percentual	%	15%	%	20%	
Dialeto periférico – região	Escócia	5.424.800	Rio Grande do Sul	11.286.500	
País	Reino Unido	66.040.229	Brasil	210.147.125	
Percentual	%	8%	%	5%	
Dialeto periférico – região	Escócia	5.424.800	Rio Grande do Sul	11.286.500	
Dialeto padrão – área metropolitana	Londres	8.825.000	São Paulo	22.391.624	
Percentual	%	61%	%	51%	

Como demonstrado na Tabela 1, é possível observar que há uma relação muito interessante entre as grandes metrópoles São Paulo e Londres com as cidades menores Porto Alegre e Edimburgo. Temos Edimburgo e Porto Alegre, as cidades nas quais encontramos os dialetos do original e da tradução, respectivamente, que, quando comparadas as grandes cidades com a variedade padrão da língua, se mostram muito pequenas. De um lado temos Londres, centro econômico e que, juntamente com Nova Iorque, é a maior e mais influente cidade entre os países falantes de inglês; do outro lado temos São Paulo, também o centro econômico do país e cidade de grande influência entre os países falantes de português. Esta proporção se mantém ao compararmos a região onde encontramos os dialetos (Escócia e o estado do Rio Grande do Sul) para com o restante do país, ou ainda quando comparamos a região com a grande metrópole. Os dados utilizados são números atuais retirados da Wikipédia, mas que revelam que há uma relação interessante entre as duas cidades mesmo no âmbito geográfico e espacial. Tanto Porto Alegre quanto Edimburgo possuem áreas menores e uma influência muito menor no que diz respeito à língua oficial falada em seus países.

Há um sentimento de inferioridade para o resto do país encontrado tanto no povo escocês quanto no povo gaúcho que aproxima ainda mais Edimburgo e Porto Alegre. O estado do Rio Grande do Sul é marcado por um forte movimento separatista, incentivado pela celebração da guerra perdida pelos Farrroupilhas, ao passo que a Escócia possui uma história semelhante e recentemente, em 2014, ocorreu um referendo sobre a independência do país.

Além disso, *Trainspotting* se passa nos 1980, período de crise política e graves problemas sociais na Escócia, que pode ser comparado ao período de crise no Brasil que ocorreu na mesma época. O Reino Unido durante esse período tinha como primeira-ministra a representante do partido conservador Margaret Thatcher, conhecida como ‘Dama de Ferro’, e o Brasil iniciava o governo do último presidente do período da ditadura militar, João Figueiredo. Escócia e Brasil sofreram com as consequências destes governos, que repercutiram na sociedade e economia dos países por anos.

Durante o governo de Thatcher, a Escócia foi abalada por mudanças radicais nas indústrias que levaram a números elevados de desemprego em todo o país. Em outubro de 1980, havia cerca de 246 mil escoceses registrados como desempregados e, durante os anos de 1979 e 1981, as manufaturas tiveram uma queda de 11% na produção e 20% no número de funcionários (STEWART, 2009). Com suas políticas neoliberais, Thatcher pôs fim a direitos da população, atacou os sindicatos e os trabalhadores. Outra medida polêmica foi a implementação na Escócia do *Poll Tax*, ou Imposto Comunitário, que ocorreu em 1989, antes do resto do Reino Unido. Esse imposto servia para custear governos locais e se baseava no valor do imóvel de cada pessoa. Seguindo as tendências dos governos liberais, esse imposto favorecia

aqueles com bens maiores, ou seja, atacava as pessoas com poucas posses e baixa renda. Houve uma série de protestos que pôs fim ao governo com baixíssima aprovação popular de Thatcher na década seguinte.

Além das graves mudanças na economia escocesa, o governo Thatcher e as crises provocadas trouxeram um aumento no consumo de drogas entre os jovens, os desempregados e a classe trabalhadora. Houve um “aumento do desemprego e o ‘fim da esperança’, causada pelas políticas do governo do Reino Unido na década de 1980, que fez os jovens escoceses se voltarem para as drogas e o álcool (...).” (CLEGG, 2017, tradução nossa¹)

O consumo de drogas, que cresceu ainda mais com o tráfico da heroína proveniente do Paquistão e vendida a preços inferiores aos do mercado europeu, levou ao agravamento dos casos de HIV entre os viciados. O uso de seringas compartilhadas, imprudência nas relações sexuais e outros hábitos permitiram que uma verdadeira epidemia de HIV se instaurasse entre os grupos à margem. A Escócia sofre até hoje com números alarmantes, cerca de 13% da população é portadora do vírus sem ter consciência disso e mais de 40% dos casos são diagnosticados muito tarde (CLEGG, 2017). Todo esse cenário social e político está representado em *Trainspotting* em detalhe, desde o desemprego até a contaminação pelo vírus, além das desigualdades de classes e a desesperança da juventude de Edimburgo.

Levando em consideração a importância que esse contexto explicitado tem na história, ao pensar a tradução, encontrar um cenário semelhante em Porto Alegre foi uma indicação de que usar do dialeto local é uma solução válida. Como dito anteriormente, o Brasil se encontrava no início do mandato do último presidente militar e em uma crise econômica. A ditadura militar no Brasil, que teve início em 1964, e seus governos levaram o país ao endividamento e a estagnação do crescimento por uma década, a chamada “década perdida”. Sem crescimento econômico e investimento de potências desenvolvidas, como os Estados Unidos, que também se encontrava em crise, a classe trabalhadora foi perdendo o poder de aquisição de bens materiais novos e houve ainda uma onda de desempregos generalizada (MARANGONI, 2012).

Novamente, semelhante à Escócia, Porto Alegre é afetada por um princípio de epidemia de HIV e pela crise nacional, que fez com que a população se voltasse para drogas como a cocaína. De acordo com o estudo de Szwarcwald et al. (2000), a região Sul era a segunda em questão de incidências de casos de contaminações, além de apresentar elevados números de usuários de drogas injetáveis portadores do vírus; uma questão interessante que consegue aproximar ainda mais Edimburgo e Porto Alegre, considerando que no Brasil o consumo de drogas injetáveis não é tão popular quanto na maioria dos países europeus. O que fez com que

¹ “spiralling unemployment and an “erosion of hope” presided over by UK Government policy in the 1980s meant young Scots turned to drugs and alcohol.”

Porto Alegre obtivesse elevados índices de pessoas contaminadas pelo vírus também pode ser explicado pela chegada tardia do Crack no Sul que, apesar de ser uma droga que ainda possibilita a transmissão do vírus entre os usuários durante as relações sexuais, tem um risco muito menor de contaminação do que de drogas injetáveis (ROSO, 2016).

São essas semelhanças, no que diz respeito a aspectos sócio-históricos, que me fizeram pensar na possibilidade de traduzir *Trainspotting* para o dialeto porto-alegrense. O contexto semelhante possibilita utilizar um vocabulário com equivalentes mais próximos do sentido original do que de opções neutras do português padrão. Também se torna possível recuperar parte do efeito criado por Welsh ao expor esta realidade no enredo, já que ao trazer para um contexto regional/nacional, com o devido cuidado de não perder a identidade do livro, o leitor consegue criar uma identificação maior e compreender a sociedade escocesa. A questão não é sugerir que *Trainspotting* se passa em Porto Alegre, mas sim aproveitar o vocabulário da região para apresentar de uma forma mais clara o contexto de Edimburgo.

2.2 OS DIALETOS ESCOCESSES

Trainspotting é escrito em três dialetos distintos. No caso do romance de Welsh, as três variantes utilizadas são: scots, inglês Escocês e também a variedade padrão do inglês Britânico. Além de serem usados sem qualquer distinção, os dialetos aparecem misturados nas falas das personagens com a grafia de algumas palavras, no caso de determinados personagens, seguindo a forma como seriam pronunciadas. Um verdadeiro gigante Adamastor para aqueles tradutores que desejam preservar as variedades do original.

No entanto, há outro fator que torna a tarefa ainda mais complexa. Não bastasse o uso de variedades específicas de uma região que nunca poderão ser traduzidas com perfeita precisão para outro idioma, existe a questão do efeito causado e da intenção do autor. Ashley (2010) vê em *Trainspotting* um ato político que busca restabelecer a identidade da Literatura Escocesa e tentar exportar para outras culturas esse efeito, o que é uma tarefa praticamente impossível. Portanto, a fim de realizar uma melhor tradução dos dialetos ou tomar a decisão de seguir pelo caminho da não-tradução, é preciso conhecer um pouco mais detalhadamente o contexto destas variedades, sua história, características e relevância na sociedade.

2.2.1 Scots e Scots Central

Atualmente, se diz que na Escócia há três grandes idiomas: Scots, Gaélico Escocês e

inglês Escocês. O Scots trata-se de uma língua falada em grande parte do país e que apresenta uma grande variação – com quatro dialetos menores: insular, central, norte e sul. Irvine Welsh utiliza em *Trainspotting* o dialeto Scots central, variedade da língua encontrada em Edimburgo, Glasgow, Perth e Dundee. Para fim deste trabalho, irei utilizar apenas Scots para me referir ao dialeto usado no livro.

O Scots costuma, por vezes, ser confundido com o inglês escocês, que apesar de possuir semelhanças, são dialetos distintos. Com origens no inglês antigo da região da Nortúmbria, o Scots se estabeleceu primeiro no sul da Escócia e, no século XIII, se espalhou pelo restante da região, principalmente na costa leste do país. Com o passar do tempo, o Scots foi se distanciando cada vez mais do caminho evolutivo de inglês antigo para inglês médio, até se tornar o que conhecemos hoje como esse dialeto.

Os primeiros textos produzidos em Scots datam do século XIV, entre eles há o poema histórico *The Brus* escrito por John Barbour, primeiro grande nome da literatura produzida em Scots. No século seguinte, a quantidade de obras produzidas neste dialeto aumentou graças à presença da realeza de Edimburgo e à Universidade de St. Andrews. O dialeto continuou a crescer ao mesmo tempo em que, no Sul, o inglês continuava a evoluir e aumentar sua área de influência, até que, no início do século XVI, iniciou-se um processo de interferência das duas línguas que afetou as características e o status do Scots. Após o processo que ficou conhecido como *Anglicization*, o uso do Scots diminuiu e o dialeto adquiriu um status de língua inferior. Outro fator que contribuiu para o declínio desta variedade foi a falta de uma tradução completa da Bíblia Protestante, que levou a população a se voltar aos textos traduzidos para o inglês padrão (ZIKMUNDOVÁ, 2014). Essa situação se manteve até o século XVII e XVIII, quando foram adotadas novas medidas que resgataram parte da influência do Scots e que criaram o inglês Escocês, dialeto que possuiu parte do seu vocabulário constituído pelo Scots.

Apesar de existir uma enorme variação no Scots causada pelo número de dialetos, que torna a tarefa de definir características universais praticamente impossível, há aspectos gramaticais e fonológicos que podem ser encontrados em todas as variedades. A gramática do Scots é relativamente muito semelhante à do inglês padrão, seguindo a mesma ordem das estruturas: sujeito-verbo-objeto. No entanto, existem casos em que a inversão de elementos seja a escolha mais natural, como é o caso da sentença “*He turnt oot the licht*”, que traduzida para o inglês padrão seria “*He turned the lights out*”. Ainda no Scots, existem palavras que seguem a regra de pluralização usada no inglês antigo, como *ee/een* (*eye/eyes*). Já o sistema fonético do Scots apresenta algumas características que se repetem no inglês Escocês, como o caso de vogais em situação de ditongo que acabam sendo pronunciadas como um monotongo. Um exemplo seria a palavra *boat*, que teria as vogais pronunciadas com um único som fechado.

É importante considerar que o uso de uma variedade estigmatizada, que ainda não tem um status oficial de língua, apesar de ser falada por mais de 30% da população escocesa de acordo com uma pesquisa realizada pelo governo em 2011, torna ainda mais interessante a escolha de Welsh de utilizá-lo. Em Zikmundová (2014), é apresentado que o Scots falado em Edimburgo (conhecido como *East Central Scots*) era negado pela classe média, que preferia utilizar o inglês padrão Britânico ou ainda a variedade do inglês Escocês. Essa situação começou a mudar após a publicação de *Trainspotting* que “recentemente popularizou a língua de novo” (tradução nossa²).

2.2.2 Inglês Escocês

A relação de interferência entre o Scots e o inglês causada pela constante mudança dos falantes de uma língua para outra motivou o surgimento do dialeto conhecido como inglês Escocês. A origem deste dialeto data do século XVII, mas o seu processo de formação se iniciou muito antes. Com o surgimento da prensa de tipos móveis de Gutenberg, a Bíblia de Genebra escrita em inglês, anterior à popular Bíblia do rei Jaime, começou a ser distribuída na Escócia a fim de expandir a fé protestante. Por fim, no século XVII, acontece a mudança da corte do rei Jaime I, outrora Jaime VI da Escócia, para Londres, fator que motivou adaptações na literatura produzida pelos poetas da corte escocesa. Somente após o firmamento de um acordo que estabelece normas do inglês e do Scots surge a variedade do inglês escocês.

Essa variedade, falada por grande parte da população da Escócia, apresenta diversas características em comum com o Scots e com o inglês Britânico padrão. Ao observar a frase do Scots “*The Scots Leid Associe wis foondit in 1972 an ettles tae fordle Scots in leeteratur, drama, eddication an in ilka day uiss*”, é possível observar a presença de expressões que podem ser lidas como apenas uma maneira fonética de grafar o inglês, como “wis foondit” (was founded), “leeteratur” (literature) e “eddication” (education), ao lado de palavras que dificilmente seriam reconhecidas por falantes do inglês padrão: “leid” (language), “ettles” (exists), “fordle” (promote) e “ilka day” (everyday). Já no inglês Escocês, uma frase como “*Yer aff yer heid*” (You’re off your head) parece apenas uma grafia excêntrica, enquanto “*I’m going to the pictures*”, também do inglês Escocês, possui uma estrutura e um vocabulário igual ao do inglês padrão. Com esses exemplos de frases do inglês Escocês, é possível perceber que essa variedade possui muitas características em comum tanto com o inglês padrão quanto com o Scots. Por ser

² “Irvine Welsh has recently popularised the language once again”.

uma forma híbrida das duas variantes, existe a possibilidade de ocorrência de frases dos dois tipos, do mesmo jeito que algumas frases em portunhol são mais parecidos com o português, e outras são quase idênticas ao castelhano.

No que diz respeito às características do inglês Escocês, Zikmundová (2014) apresenta alguns exemplos da gramática e do vocabulário do dialeto. O autor observa que no inglês Escocês há uma preferência pelo uso dos verbos *will* e *can* no lugar de *shall*, *ought* ou *may*. Ainda no âmbito da gramática, as negações são formadas de uma maneira diferente; a frase “*He won't come*” se transformaria em “*He'll not come*”. Outra possibilidade de negação produzida por usuários do dialeto, e muito comum nas falas da personagem Mark Renton em *Trainspotting*, seria a forma “*He doesnae underston me*”. Quanto ao vocabulário do inglês escocês, Zikmundová (2014) traz que o dialeto possui um léxico com uma grande variedade de palavras emprestadas do Scots, além de algumas palavras provenientes do inglês, latim e de outras origens. Presentes no vocabulário reconhecido com facilidade como parte do inglês Escocês, temos as palavras *bairn* (criança), *wee* (pequeno), *canny* (verbo *cannot*) e ainda *kilt*.

Outra questão interessante a respeito do inglês escocês é o seu status. Como dito anteriormente, a população de classe média costumava usar o inglês Escocês ao invés do Scots por causa do status da última de língua inferior. No entanto, o uso do inglês Escocês por esse grupo social, no geral, se limitava a situações formais, já que no dia a dia a língua de conversação era o Scots. É possível observar isso entre as personagens de *Trainspotting* no caso específico da personagem Mark Renton, que será discutido mais a fundo nas próximas seções. Renton é capaz de se expressar com clareza em todas as três variedades, mas tem a tendência de usar o Scots com pequenas interferências do inglês Escocês. Quando a personagem deseja ser mais facilmente compreendida, passa para o inglês Escocês e em situações extremamente formais, em que deseja mudar sua imagem, passa a usar o inglês Britânico.

2.3 O DIALETO PORTO-ALEGRENSE

Como esperado de um país de grande extensão de terras, o Brasil possui uma grande variedade de dialetos e registros, como os dialetos caipira, nortista, paulista, carioca ou ainda o mineiro. Entre estas formas, encontramos o dialeto gaúcho, uma variedade falada no Rio Grande do Sul e em parte de Santa Catarina e do Paraná. Esse dialeto possui forte influência do espanhol, tanto pela colonização espanhola com as missões jesuíticas, como também pela presença de dois países fronteiriços falantes da língua, Argentina e Uruguai. Há ainda certo grau de influência do alemão e do italiano nas áreas colonizadas pelos imigrantes vindos desses países.

Apesar de o dialeto gaúcho compreender o todo do estado do Rio Grande do Sul, a solução encontrada para traduzir *Trainspotting* foi o dialeto gaúcho falado na cidade de Porto Alegre (dialeto porto-alegrense), que foi o foco deste trabalho. Nessa variedade, encontramos características que são compartilhadas em quase todos os lugares com falantes do dialeto gaúcho, como a questão da concordância verbal da segunda pessoa do singular. Uma das características mais marcantes do dialeto porto-alegrense é a maneira peculiar com que a segunda pessoa ‘tu’ é conjugada, já que em vez de conjugar o verbo na segunda pessoa, conjuga-se na terceira pessoa do singular. Como atenta Loregian (1996), nas regiões mais ao norte, usa-se o pronome ‘você’ no lugar de ‘tu’, que como regra deve ser conjugado na terceira pessoa do singular, mas no sul, se usa um pronome de segunda pessoa com a conjugação de terceira pessoa.

“A Região Sul apresenta um comportamento diversificado quanto à concordância verbal com o pronome TU, com Florianópolis e Ribeirão da Ilha usando, predominantemente, o verbo com a flexão de segunda pessoa, e Porto Alegre usando o verbo sem a respectiva flexão.” (LOREGIAN, 1996)

Um exemplo desse fenômeno seria “tu gostou do presente?”, em que a forma verbal correta, de acordo com a norma, seria ‘gostaste’. Nas entrevistas realizadas por Loregian (1996), um exemplo de um falante real que corrobora a variedade, é “tu não passava de ano se tu não fizesse aquele exame (...)”.

Outra característica marcante da conjugação de verbos do dialeto porto-alegrense diz respeito à primeira pessoa do plural. Há uma tendência de substituição do pronome ‘nós’ pelo pronome ‘a gente’, que, em um caso semelhante ao do pronome ‘tu’, passa a ser conjugado na terceira pessoa do singular. Esse é um fenômeno comum nos estados do sul e sudeste, mas em Porto Alegre faz parte do dia a dia dos falantes. Nos dados coletados pela Varsul – projeto que analisa e coleta dados de falantes das variedades do português faladas no sul – existem casos em que é possível encontrar também o apagamento do ‘s’ ou omissão da desinência em verbos conjugados com o pronome ‘nós’. No entanto, em Porto Alegre, parece haver ainda uma preferência pelo uso de ‘a gente’, em vez do uso do pronome ‘nós’, com o apagamento ou omissão.

O dialeto porto-alegrense, no âmbito da fonética, possui uma característica em comum com o restante do país e que vai contra a tendência do dialeto gaúcho. Em grande parte do Rio Grande do Sul, em palavras terminadas em ‘e’, não ocorre a redução dessa vogal, o que faz com que palavras como ‘leite’ sejam pronunciadas com um ‘e’ marcante ao invés de adquirir um som de ‘i’ (“leiti”). Essa redução vocálica, no entanto, é encontrada na capital do estado, Porto Alegre, o que permite que, ao traduzir *Trainspotting*, possa recuperar a noção de escrita parcialmente fonética de Irvine Welsh. Palavras como ‘que’ e ‘de’ viram ‘qui’ e ‘di’, criando,

visualmente, um efeito de estranhamento semelhante ao causado pelo original.

No que diz respeito ao vocabulário, o dialeto porto-alegrense apresenta palavras próprias que não seriam facilmente reconhecidas por pessoas de outras regiões do Brasil. Entre essas palavras temos ‘piá’ e ‘guri’, ambas usadas para se referir a um menino ou garotinho. Nos trechos traduzidos do original, podemos encontrar o uso da palavra ‘laddie’, usada para se referir a menino/garoto. Essa é uma palavra reconhecida como escocesa, assim como ‘guri’ é algo visto como típico dos gaúchos. Apesar de, como mencionado antes, não querer sugerir que a história de *Trainspotting* se passa em Porto Alegre, acredito que o uso de ‘guri’ e ‘piá’, em vez de ‘garotinho’ como encontrado na tradução oficial, seja uma alternativa interessante, pois, novamente, cria o sentimento de estranhamento no leitor. Somente pelo contexto, assim como com o leitor do original, que será possível compreender o uso da palavra. É com isto em mente que o vocabulário local de Porto Alegre foi empregado: causar estranhamento sem se apropriar do texto como se tivesse sido escrito originalmente no dialeto da região.

3 TRAINSPOTTING, A VOZ DA MARGINALIDADE

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA VOZ MARGINAL

Primeiro romance de Irvine Welsh, *Trainspotting*, é uma coleção de capítulos narrados por diversos personagens e apresentados em uma forma não linear. Esse mosaico de histórias é organizado em sete partes: *Kicking*, *Relapsing*, *Kicking Again*, *Blowing It*, *Exile*, *Home* e *Exit*. Nestes capítulos é possível acompanhar o dia a dia da juventude viciada em heroína e com um futuro incerto da periferia de Edimburgo. É considerado por muitos como um romance transgressivo e rotulado desde sua publicação como controverso. Parte dessa controvérsia se deve aos temas tabus tratados no livro, como vício em drogas pesadas, violência e sexo, e a maneira crua com que esses temas foram descritos.

Outra grande questão é a organização dos capítulos, que para muitos críticos não passa de uma coleção de contos que não pode ser considerada um romance, ou ainda que se trata de uma série de episódios não conectados. Os capítulos variam em extensão e em tipo de eventos narrados e acompanham os acontecimentos das vidas de Mark Renton, Sick Boy, Begbie, Spud e Tommy, um grupo de amigos que engloba viciados em heroína e pessoas com comportamentos autodestrutivos ou violentos. Esses personagens também são conhecidos como “inferno de Welsh” (MORACE, 2001, apud MOURA, 2016) por serem as principais vozes da narrativa. Há capítulos que narram festivais, funerais e festas; há ainda capítulos com descrições

detalhadas do uso de heroína e capítulos que são verdadeiros monólogos interiores das personagens, principalmente de Mark Renton.

No entanto, não há dúvidas de que a maior controvérsia de *Trainspotting* é a sua linguagem: seja o uso de dialetos ou mesmo o uso de gírias locais e de linguagem informal. Irvine Welsh escreveu um romance que reflete a voz do homem da época. Os eventos narrados se passam no fim dos anos 80, um período de instabilidade na Escócia, com níveis alarmantes de desemprego, drogas, HIV e violência. O “inferno de Welsh” representa a juventude de desempregados da classe trabalhadora que vivem à margem da sociedade. Encontramos a representação da figura do desempregado em Renton e Spud; da violência em Begbie; da prostituição em Sick Boy; da AIDS em Tommy e Davie. Para além do círculo de jovens, nesse romance também há a representação da classe média através dos pais de Mark Renton: moradores de Leith, subúrbio de Edimburgo, que se importam com coisas triviais. Já a classe baixa se vê representada, por exemplo, nos lugares frequentados pelo “inferno de Welsh”, como o bairro onde vão consumir drogas.

Além de dar voz à juventude marginal de Edimburgo dos anos 80, ao optar por não usar uma linguagem padrão, o autor está tendo um gesto político contra a marginalização de dialetos. De acordo com Moura (2016), além de usar uma linguagem informal, Welsh fez “uma mescla de oral e escrita; do formal e informal; do inglês padrão e escocês”. O autor abandonou sua ideia original de escrever o livro em inglês padrão a fim de usar a verdadeira voz dessa geração, já que qualquer forma formal entraria em contradição com a essência das personagens. Em uma entrevista, conduzida por Ian Peddie e publicada em 2007, Welsh revela que não poderia usar uma língua padrão, pois pareceria artificial.

“O inglês padrão é uma língua imperial. Queria algo com mais ritmo. Na verdade, tentei escrever *Trainspotting* em inglês padrão, mas soava ridículo e pretensioso. O vernáculo é a língua em que vivemos e pensamos. Soa melhor, muito mais real.” (PEDDIE, 2007, p.137, tradução nossa³)

Sendo assim, a escolha, não só de usar dialetos escoceses, mas também de preservar a foneticidade da pronúncia local e utilizar gírias e termos dos jovens e dos usuários, parece ser a mais adequada. Welsh dá vida aos jovens viciados que se encontram à margem, e para representá-los é preciso usar sua voz real. É uma linguagem que dificilmente seria entendida pela classe alta, exceto, talvez, se fosse lida em voz alta.

Parte do que permite criar esse efeito de recuperação das vozes, além do uso de

³ “Standard English is an imperial language. I wanted something with more rhythm. I actually tried to write *Trainspotting* in Standard English and it sounded ridiculous and pretentious. The vernacular is the language in which we live and think. And it sounds better, much more real”.

variedades usadas no dia a dia da população, são as gírias típicas da Escócia (de Edimburgo e Glasgow) e também os palavrões conhecidos do imaginário como pertencentes ao típico escocês. Entre as gírias encontradas, alguns exemplos seriam *laddie*, *junky* e *bairn* que são típicas expressões usadas ao norte do Reino Unido.

Ainda na tentativa de dar voz à marginalidade, Welsh cria particularidades no estilo de cada personagem, que tornam ainda mais rica a linguagem. Entre os exemplos mais significativos e que permitem que o leitor identifique rapidamente quem narra o capítulo estão Sick Boy e Spud. No primeiro caso, Sick Boy apresenta uma grafia peculiar dos sons de /s/, como é caso de palavras como ‘silly’ que são grafadas ‘shilly’, ou ainda como verdadeiro nome da personagem, Simon, que passa a ser ‘Shimon’. Essa peculiaridade se deve ao fato de que a personagem tenta imitar a forma como o ator Sean Connery pronuncia estes sons, além disso, mantém diálogos com o ator em sua mente. Já Spud tem como hábito se referir a pessoas como ‘cats’. Além destas diferenças fonéticas e estilísticas, há mudanças no ritmo dos capítulos. Podemos encontrar um ritmo e vocabulário violento nos capítulos de Begbie e grandes reflexões nos de Renton.

No entanto, o que mais interessa para dar voz aqueles que estão à margem é, sem dúvida, os palavrões. Talib (2002) propõe que seu uso em *Trainspotting* seja justificável a partir da chamada “violência linguística” (tradução nossa⁴), que se tornou frequente nos recentes textos produzidos na literatura escocesa. Ao usar um dialeto, gerando um afastamento da língua inglesa padrão, os autores o estariam fazendo a fim de criar uma espécie de identidade nacional em suporte ao crescente sentimento anticolonialista na Escócia. Esse princípio refletiria na linguagem que passaria a ser permeada por palavrões e palavras escatológicas. Essa violência linguística existe, apesar de não haver uma constante afirmação por parte das personagens de sua nacionalidade. É possível perceber, por meio das palavras de Welsh a respeito da escolha de usar dialetos, que há um desejo de pensar uma identidade escocesa e que, portanto, há um ataque as formas padrões do inglês colonizador. O uso dos palavrões como violência linguística acrescido aos dialetos e gírias acaba gerando uma linguagem literária que representa bem o “inferno de Welsh”.

3.2 A LÍNGUA MARGINAL: DIALETO EM TRADUÇÃO E O PORTO-ALEGRÊS

Trainspotting, por dar voz à marginalidade, se torna um verdadeiro problema para os tradutores. Ao usar dialetos como forma de protesto contra a marginalização das variedades, gírias para representar a juventude periférica de Edimburgo, e os palavrões como um ataque

⁴ “Language violence”.

indireto ao inglês colonialista padrão e como suporte de uma identidade escocesa, Welsh criou uma combinação complexa e de difícil tradução. Manter os mesmos detalhes estilísticos, preservar o mesmo efeito e ainda manter as implicações políticas é praticamente impossível. Para tanto, os tradutores recorrem ao caminho da padronização/neutralização, optando por usar a variedade padrão da língua ao invés de utilizar um dialeto que pudesse ser equivalente ou ainda uma outra forma de representar esse uso de uma variedade não-padrão.

Essa foi a solução encontrada por Galera & Pellizzari para a tradução de 2004 de *Trainspotting*. Também foi a solução encontrada para a versão estoniana do livro, pelo tradutor Olavi Teppan, caso apresentado em Priimets (2017). Este mesmo tradutor, anteriormente, ao trabalhar com as obras de Irvine Welsh, havia optado por utilizar o dialeto estoniano Võro, e somente em *Trainspotting* optou por uma língua padrão. Em ambas as traduções de *Trainspotting*, percebe-se uma perda do regionalismo e uma tentativa de recuperar a identidade dessa cultura marginal por meio da inserção de gírias e palavrões no meio da linguagem padrão. No entanto, ao fazer essa escolha o tradutor automaticamente elimina qualquer chance de recuperar determinados efeitos causados pelo regionalismo, além do significado por trás do seu uso no original.

Mašlaň (2006) afirma que uma “tradução precisa ter o mesmo ou similar impacto e efeito nos leitores que o original teve” (tradução nossa⁵). É preciso que, de alguma forma, ao ler o livro pela primeira vez, o leitor reaja da mesma forma que o leitor do original. No caso de *Trainspotting*, isso significa sentir um estranhamento com relação àquela linguagem tão distante, mas similar a uma linguagem conhecida. No entanto, apesar de ser preciso tentar preservar os efeitos, é preciso também que se tenha discernimento por parte do tradutor para identificar o que pode ou não ser omitido na tradução. Identificando o que faz parte da essência do texto, pode-se buscar reconstituir as intenções do autor escondidas na linguagem.

Em *Trainspotting*, isso significa não apenas traduzir o que autor disse, o que está no texto, mas o que se encontra por trás disso, o sentido de usar uma linguagem marginal e fonética. Cappuccio (2010) argumenta que, ao optar por omitir um dialeto em favor de uma padronização/neutralização do texto, os efeitos do original acabam sendo diminuídos consideravelmente na tradução. Apesar de ser algo que pode ser visto como passível de omissão na tradução, os dialetos fazem parte da identidade e do estilo do autor e do original, portanto, seu uso e manutenção precisam ser avaliados com cautela devido a sua relação direta com os efeitos que o texto deverá ou virá a causar.

“É inegável que a tradução desempenha um papel essencial no "encontro de culturas"; no entanto, devemos ter em mente que o ponto de partida continua

⁵ “(...) translation should have the same or similar impact and effect on TL readers as the original on SL readers.”

sendo o original, cuja identidade e características estilísticas, incluindo dialetos, devem ser preservadas.” (CAPPUCCIO, 2010, p. 261, tradução nossa⁶)

Então, como essência do texto que funciona como parte ativa na construção da identidade da obra, os dialetos se tornam fundamentais. Considerando a visão de Mašlaň (2006) a respeito da omissão de elementos que não sejam essenciais, em *Trainspotting* a omissão dos dialetos na tradução significa a impossibilidade de recuperar uma grande parte do seu efeito. São os dialetos que “assustam” os leitores e que forçam um processo tradutório (ASHLEY, 2010) a fim de decodificar o texto em Scots e inglês Escocês, escrito de forma parcialmente fonética. Este é o efeito que precisa ser alcançado pela tradução: a necessidade de tentar decodificar o texto que estranha.

Somado a isso, ao retomarmos a tradução oficial do português brasileiro, observamos uma linguagem ligeiramente informal que busca ser o mais neutra possível e que se assemelha ao português padrão falado em São Paulo. Como dito antes, trata-se de uma neutralização que muda o foco de regional para uma questão cultural, quando o ideal seria trazer os dois aspectos para a tradução. Essa eliminação da regionalidade trazida pelos dialetos se torna mais problemática ao considerarmos as implicações políticas e os efeitos gerados. A relação entre inglês padrão, inglês Escocês e Scots é desigual. Na hierarquia das línguas, o inglês padrão está muito acima destes dialetos na questão de alcance global e influência. Da mesma forma, o português ‘neutro’ de São Paulo se encontra em uma posição privilegiada quando comparado ao português falado em Porto Alegre.

Há uma grande discussão no que diz respeito aos conceitos de estrangeirização e domesticação propostos por Venuti (1998) e à questão da tradução de dialetos. Estrangeirização sendo o processo de recuperar termos, idiossincrasias e elementos culturais de um texto de partida no texto de chegada, e domesticação o processo pelo qual é possível traduzir um texto para uma cultura de chegada sem causar qualquer estranhamento. No caso de *Trainspotting*, optar por estrangeirizar não é opção viável, porque não há forma de recuperar grande parte dos efeitos propostos no original. Já a domesticação, como caminho mais aceitável na tentativa de recuperar o estranhamento dos dialetos, encontra uma barreira na questão da neutralização ou do uso de uma variedade regional. A decisão de domesticar o texto para o dialeto paulista e padrão tem uma implicação política muito diferente da domesticação com alternância entre porto-alegrês e padrão. Essa forma domesticada da tradução gera um efeito sóciopolítico que chega mais perto do efeito causado pelo original do que uma possível estrangeirização chegaria.

⁶ “It is undeniable that translation play an essential role in the 'encounter of cultures'; nevertheless we should also bear in mind that the starting point remains the source text whose identity and stylistic features, including dialect, need to be preserved.”

No entanto, trazer o dialeto regional como equivalente se revela uma tarefa mais complexa. Não basta fazer uma mera substituição de termos e inserção de regionalismos, a fim de tentar criar os mesmos efeitos, é preciso pensar nas consequências de uma domesticação. Ao pensar o uso de um equivalente regional na tradução de um texto de partida com dialetos, é preciso considerar que seu uso precisa gerar um estranhamento no leitor, afinal faz parte do efeito causado pelo original. Em Garcez (1999), o autor afirma que o cuidado com o uso de um dialeto regional é necessário, pois a falta de um estranhamento pode produzir “reações condescendentes em relação aos personagens e sua ação comunicativa e social”, o que não favorece a tradução. No entanto, apesar de existir um certo risco no uso de dialetos em textos que têm como parte de sua essência a “tensão da alternância” de variedades, é inquestionável que há a necessidade de ao menos se considerar uma tradução dos dialetos.

O estranhamento é uma questão chave em textos escritos em dialeto que deve ser buscada na tradução. Garcez (1999) aponta que o uso dos dialetos escoceses em *Trainspotting*, tanto no livro quanto no filme homônimo de 1996, contribui largamente para gerar um efeito de estranhamento nos leitores ou espectadores norte-americanos, por exemplo. No entanto este efeito de estranhamento foi negado aos norte-americanos, pelo menos em parte. A versão cinematográfica do livro teve partes dubladas para se tornarem compreensíveis ao público e vender mais; além disso, houve a publicação do livro nos EUA acrescida de um glossário no final a fim de facilitar a leitura (JENKINS, 1996). Esse tipo de decisão se assemelha a decisão de neutralizar o texto; é o mesmo que suprimir o efeito que livro ou filme poderia vir a causar com sua linguagem. Mesmo um leitor inglês seria afetado pelo uso dos dialetos e sofreria o estranhamento durante a leitura, como traz Jenkins (1996).

Considerando a necessidade de preservar os efeitos da obra de Welsh e também o tratamento dos dialetos na tradução, optei por utilizar o dialeto porto-alegrense somente após questionar as possíveis implicações dessa escolha e os efeitos que causaria no leitor. Ao traduzir para esta variedade e utilizá-la como equivalente para os dialetos escoceses, algumas questões surgiram: como preservar o estranhamento; qual o possível uso de um segundo dialeto para criar a mesma relação entre Scots e inglês Escocês; uso de uma escrita parcialmente fonética do porto-alegrês e o efeito no leitor.

A necessidade de manter o estranhamento do leitor é fundamental, e isso significa manter os dialetos. São eles que obrigam o leitor a decodificar o que está escrito, seja traduzindo em suas cabeças ou lendo em voz alta a fim de assimilar a foneticidade. Pensando nisso e nos riscos sugeridos por Garcez (1999) de tornar a experiência para o leitor próxima ao cômico, é que escolhi o porto-alegrês. Em um primeiro momento, considerei usar o dialeto carioca, mas isso não recuperaria o efeito político e poderia cancelar o estranhamento devido a minha falta

de conhecimentos a respeito da variedade falada no Rio de Janeiro. Logo, a ideia foi descartada. Era preciso trazer, ou pelo menos tentar trazer, o debate sobre línguas de maior ou menor influência (ASHLEY, 2010) a fim de recuperar o efeito político desejado por Welsh ao usar os dialetos marginalizados.

“A escolha de traduzir para uma variedade não-padrão da língua-alvo, ao invés de para uma padrão, evidencia as tensões entre línguas mais influentes e línguas das minorias, no entanto, (...) o tradutor, ao seguir esse caminho, corre o risco inevitável de alterar a mensagem política, cultural ou linguística inerente à língua de partida” (PRIIMETS, 2017, p.24, tradução nossa⁷)

Há uma necessidade de pensar que o uso de qualquer outra variedade pode alterar a mensagem política prevista pelo original. Para tanto, precisei procurar um dialeto que não fosse aceito como padrão, caso de São Paulo, ou que pudesse ser facilmente reconhecido, sem causar um estranhamento ou recuperar a marginalidade, caso do dialeto carioca. A solução encontrada foi o uso do porto-alegrês, vindo de uma região ofuscada pela grande metrópole de São Paulo, um paralelo entre Edimburgo e Londres, e que costuma causar grande estranhamento nas pessoas das demais regiões do país. No entanto, o risco de modificar a mensagem persiste, afinal, ainda é possível perder o impacto político e o efeito de estranhamento no leitor. Era preciso, então, tentar pensar todos os efeitos e aspectos relacionados aos dialetos a fim de tentar recuperar o máximo da essência da obra.

Mas seria o uso apenas do porto-alegrês suficiente? Welsh faz uso de três variedades, sendo uma delas a forma padrão do inglês Britânico, mas somente duas percorrem todos os capítulos: Scots e inglês Escocês. O autor traz esses dois dialetos, representando a voz da marginalidade, sem qualquer marca que possa distinguir onde um começa e o outro termina; eles aparecem misturados dando mais veracidade a esta fala informal que está sendo representada. Levando isso em consideração é que surgiu o questionamento acerca do uso de um segundo dialeto. Seria extremamente rico, no que diz respeito à manutenção na tradução do efeito causado pelo original, recuperar esta relação entre dois dialetos e sua representação no texto. No entanto, não consegui encontrar dois dialetos no Rio Grande do Sul que possuíssem o mesmo tipo de relacionamento que os dialetos escoceses têm, já que o inglês Escocês tem sua origem no Scots. Pensando nisso é que optei por utilizar somente o dialeto porto-alegrense e suas peculiaridades junto da forma padrão do português nos trechos em que o inglês Britânico foi usado. Essa perda é significativa, mas acredito que o uso de uma variedade de menor

⁷ “The approach of translating into non-standard target language variety rather than into the standard one does, of course, highlight the tensions between majority and minority languages, but (...), the translator, when using this method, inevitably risks altering the political, cultural or linguistic message inherent in the source language.”

influência é capaz de provocar o efeito do estranhamento no leitor, acostumado com o uso da variedade padrão falada em São Paulo ou ainda Rio de Janeiro e, além disso, também recupera parte do gesto político feito por Welsh.

Buscando recuperar mais do estranhamento que o original provoca no leitor, ampliar o efeito da foneticidade tornou-se uma prioridade. Com o fim da possibilidade de usar dois dialetos, assim como no original, recorri à foneticidade em uma tentativa de gerar um certo estranhamento no leitor. Outra preocupação com relação a essa escrita fonética é que esta motivasse no leitor o desejo de ler em voz alta ou ter a sensação de que o que está lendo poderia ser ouvido em qualquer parte de Porto Alegre. Portanto, com base nas características da fala gaúcha citadas em 2.3, construí uma fala ligeiramente fonética que se dá através da junção de palavras como ‘deu’ e ‘uma’ que passa a ser ‘deu’ma’; da alteração do ‘e’ no final de palavras para ‘i’; e ainda da inserção de acentos em forma verbais como ‘ter’ e ‘parar’, que também perdem o ‘r’ na forma infinitiva e viram ‘tê’ e ‘pará’. Outras alterações foram feitas visando recuperar parte da escrita fonética marcante de *Trainspotting* e que contribuem para o choque inicial do leitor ao tentar assimilar o texto.

A relação entre *Trainspotting* e tradução é muito complexa. É preciso investigar os efeitos que Welsh pretendia criar nos seus leitores, assim como suas intenções com o uso dos dialetos tanto no que diz respeito à construção da fala das personagens e a veracidade de suas vozes quanto a gesto político por trás desta escolha. Considerando esses aspectos, decidi tomar um caminho diferente do que foi proposto pela tradução de Galera & Pellizzari, a fim de investigar a possibilidade de usar um dialeto regional para recuperar o máximo possível de efeitos e características do original para o leitor brasileiro, sem esquecer de que nem todos os aspectos podem ser preservados sem causar grande prejuízo ao resultado final. Apresento no próximo tópico aspectos e trechos de minha tradução (Tarouco) sendo comparados ao texto original e também, a fim de propor uma discussão, a tradução oficial de *Trainspotting*.

4 O DIALETO PORTO-ALEGRENSE COMO SOLUÇÃO

4.1. GÍRIAS, ORALIDADE E PALAVRÕES TRADUZIDOS PARA O PORTO-ALEGRÊS

Trainspotting é um livro marcado pelo uso de palavrões, gírias e pela forma como a fala das personagens é registrada: o mais próximo possível da maneira como as palavras seriam pronunciadas. É esse uso da língua feito por Welsh que permite que o leitor consiga imaginar as vozes das personagens como pertencentes a vozes do seu dia-a-dia, encontradas nos ônibus e nas ruas (TALIB, 2002). Para criar esse mesmo efeito no leitor da tradução, é preciso pensar em palavrões que não sejam traduções literais, mas sim, que sejam adequados ao contexto do original, mesmo implicando uma baixa variação. A escrita fonética deve ser pensada na fala do dia a dia e não na maneira mais bonita visualmente para ser usada. É preciso se distanciar do literal em busca de algo que recupere os efeitos do original e cause um impacto semelhante no leitor da tradução.

Considerando isso, ao usar o porto-alegrês, busquei ler as frases diversas vezes em voz alta, tentando recuperar o apagamento ou mudança de vogais, e a junção de palavras. Desta forma surgiram alterações como: ‘qui’, ‘di’, ‘pará’, ‘s’aposentou’, ‘mi’, ‘comouma’, ‘entendu’, etc. Essas alterações foram baseadas na fala gaúcha e na forma como eliminamos o ‘e’ final e o substituímos por ‘i’ e, em alguns casos, a substituição de ‘o’ por ‘u’; ou ainda como aglutinamos palavras unindo-as a partir das vogais como o caso de ‘como’ seguido de ‘uma’. Essas pequenas alterações criaram visualmente um efeito que pode gerar certo grau de estranhamento, próximo, talvez, do que se passa com o original. Moura (2016) traz que a oralidade de *Trainspotting* força o leitor a ler as frases em voz alta a fim de compreender o que está lendo, pois há mudanças como: ‘of’ que vira ‘ay’ ou ainda ‘hus’ para ‘as’ e ‘ah’ para ‘I’. Estas são palavras familiares que são apresentadas com grafias diferentes, assim como tentei fazer na tradução. Já que aspectos como o uso de dois dialetos foram abandonados, por não serem viáveis no dado espaço de tempo e ausência de um equivalente viável, o foco foi voltado para a fonética e a recuperação da oralidade marcante na obra de Welsh.

Outra questão que busquei recuperar foi o uso de palavrões, visto que a linguagem usada por Welsh é descrita como obscena e seus personagens são verdadeiros ‘bocas sujas’ (TALIB, 2002). Uma característica marcante da obra é o uso constante de palavrões, e estes nem sempre são usados em seu sentido vulgar. Em Moura (2016), é discutido o caso da palavra ‘cunt’ que não é usada apenas como uma forma vulgar de se referir ao órgão feminino, mas também em sentidos mais amplos como ‘filho da puta’ ou ainda para se referir de forma geral a qualquer pessoa, porém de um jeito mais informal e menos focado em ser ofensivo ou vulgar. A solução encontrada para os casos mais gerais foi o uso de ‘merda’, que, de acordo com o Dicionário Informal, pode ser usada como um substantivo qualificativo. Além de ser usada em um contexto semelhante, a palavra aparece com frequência no dialeto porto-alegrense em seu sentido denotativo e também como um substantivo usado para definir alguém. Abaixo segue um trecho

do original em que há a presença de ‘cunt’ e o respectivo trecho na tradução com o equivalente discutido.

Tabela 2 – Tradução de palavrões

Original	This cunt is obviously along for the ride.
Tradução Tarouco	Óbvio que esse cuzão táqui de figuranti.

É preciso tentar preservar a intensidade dos palavrões, mas para tanto é necessário lembrar que “o uso de palavrões ocorre em contextos culturalmente definidos, (...) xingar varia de idioma para idioma” (DEWAELE, 2004, tradução nossa⁸). Portanto, o contexto de cada palavrão precisa ser analisado individualmente, buscando encontrar um equivalente no português que se adeque ao significado que está sendo empregado.

Ao pensar na tradução de *Trainspotting* para o porto-alegrês, tive que procurar a melhor forma de traduzir as palavras típicas do Scots e do inglês Escocês, buscando equivalentes no dialeto porto-alegrense. Na Tabela 3, abaixo, alguns exemplos são apontados, trazendo a tradução oficial de Galera & Pellizzari como referência para a diferença entre o uso do dialeto neutro próximo ao encontrado em São Paulo e o do dialeto porto-alegrense. Um bom caso do uso de equivalentes do porto-alegrês é a escolha tradutória para ‘labdick’. Essa gíria é junção da abreviação de *Lothian and Borders Police* com a palavra ‘dickhead’, ou seja, uma gíria que não busca descrever a profissão e sim denegrir a imagem dos oficiais da lei. Seguindo um caminho diferente do utilizado por Galera & Pellizzari, que usam uma expressão neutra que faz desaparecer o caráter ofensivo do original, optei por uma gíria que é a “designação para o policial, especialmente o policial militar, isto é, o brigadiano” (FISCHER, 2000). É uma gíria que tem como propósito central ser ofensiva, indo assim ao encontro do que o uso de ‘labdick’ sugere.

Tabela 3 – Marcas dialetais nas traduções e no original

Original	Tradução Galera & Pellizzari	Tradução Tarouco
bairns	garotinhos	bebezinhos
bevvy	(ficando) bebum	ceva
labdick	homem da lei	porco
laddie	garotinho	gurizinho
lassie	mina	guria
kid	pirralho	piá

⁸ “Swearing happens within clearly defined cultural contexts (...) swearing differ between languages (...)”

Na Tabela 3 há também três palavras que são referentes a crianças, ‘bairns’, ‘laddie’ e ‘kid’, que merecem destaque. As duas primeiras são específicas dos dialetos, e a última é pertencente ao inglês padrão. Optei por equivalentes reconhecidos por pessoas de qualquer estado como típicos do Rio Grande do Sul, que é caso de ‘gurizinho’ e ‘piá’. Para ‘bairns’, a escolha da palavra neutra ‘bebezinhos’ pareceu mais apropriada, pois essa é uma expressão usada geralmente para se referir a crianças recém-nascidas ou de colo. Essa inserção de palavras, quando acrescida dos palavrões e da recuperação da escrita fonética, contribuiu para que o uso de um dialeto na tradução não se torne cômico e para que sirva o propósito de recuperar os efeitos do original e causar o estranhamento no leitor.

Outra questão na tradução é a da cantiga infantil presente no capítulo “*Court Disaster*”. Seguem abaixo, na Tabela 4, o trecho original e as duas traduções.

Tabela 4 – Tradução de cantiga infantil

Original	Momma’s little baby loves shortnin shortnin, momma’s little baby shortnin bread...
Tradução Galera & Pellizzari	O nenezinho da mamãe adora pão, pão, pão, o nenezinho da mamãe adora pão de manteiga...
Tradução Tarouco	Nana neném, qui’a cuca vem pegá, Papai foi pra roça, Mamãe foi trabalhá...

A música do original data dos anos 1890 e é reconhecida como típica das *plantations* dos EUA. No entanto, ela também foi usada por James Whitcomb Riley, poeta que ficou conhecido por seus poemas escritos em dialeto. Essa cantiga não acrescenta nenhum significado à história, e mesmo sua escolha pode não ter relação com o poeta, afinal, a música figura em um álbum dos Beach Boys e em diversos seriados e filmes, o que pode ter contribuído para sua popularização. A opção segura para manter essa possível relação com o poeta seria a manutenção da música em inglês, mas isso não adicionaria nada à história. Entre as opções apresentadas acima, temos a tradução quase literal de Galera & Pellizzari ou a tradução para uma cantiga infantil típica brasileira. Na segunda tradução, somada a escolha de um equivalente da cultura de chegada, temos o uso da escrita fonética do porto-alegrês, que ajuda na construção dessa tradução focada no regional, deixando-a menos rasa (que seria o caso se só alguns termos fossem usados).

4.2. MARK RENTON

A escolha dos capítulos a serem traduzidos foi inteiramente focada em aspectos da fala da personagem Mark Renton. Além de poder ser considerado a personagem principal de *Trainspotting*, Renton apresenta algumas das características mais interessantes a serem

analisadas do ponto de vista da tradução de dialetos. A personagem tem a fala marcada pela dominância do Scots e por um uso menor do inglês Escocês, apesar deste também aparecer misturado com o outro dialeto. Essa predominância do Scots se dá principalmente nos monólogos interiores da personagem (ZIKMUNDOVÁ, 2014). Em seus capítulos é possível observar uma alternância, em determinadas situações, entre o inglês Britânico formal com eventuais interferências do inglês Escocês, e o uso informal do Scots acrescido das marcas parcialmente fonéticas e do inglês Escocês. No entanto, apesar de haver esta alternância, não há em nenhum momento a alteração da voz interior, que permanece em Scots com as interferências do inglês Escocês.

Um trecho em que é possível observar esta capacidade de passar de uma língua para outra se encontra no capítulo *Speedy Recruitment*. Neste capítulo, Renton e Spud, após consumirem anfetamina, vão participar de uma entrevista de emprego. Spud, durante sua entrevista, não altera em nada sua fala; continua usando seu sotaque carregado e seus dialetos, ao passo que Renton faz exatamente o oposto; sua fala perde qualquer marca de variedade não padrão, e a personagem adota o inglês Britânico padrão para se dirigir aos entrevistadores, no entanto, seu monólogo interno não é alterado, como pode ser observado no trecho a seguir:

— I see from your applications form that you attended George Heriots.
 — Right... ah, those halcyon school days. It seems like long time ago now. Ah might huv lied on the appo, but ah huvnae at the interview. Ah did once attend George Heriots: whin ah wis an apprentice joiner at Gillsland's we did some contract work there. (WELSH, 2001, p.64)

A distinção entre o formal e o informal, o que é aceito e o que é marginalizado, é explícita neste trecho. Mark Renton, tentando parecer mais culto, mentiu em seu formulário de inscrição a respeito de sua formação e agora, para continuar com a farsa, precisa adotar a variedade mais usada pelas classes altas. Apresento a seguir a forma como este mesmo trecho foi traduzido por Galera & Pellizzari (2004) e por Tarouco (2018).

— Pela sua inscrição, vejo que você frequentou o George Heriots.
 — Correto... ah, aqueles prósperos dias de escola. Parece tão distante, agora. Posso ter mentido na inscrição, mas não na entrevista. Frequentei mesmo o George Heriots: quando eu era aprendiz de marceneiro em Gillsland, fomos contratados pra fazer uns trabalhos lá.
 (WELSH, 2004, p.62)

— Vejo pela tua inscrição que tu frequentou o George Heriots.
 — Isso... ah, o colégio, aquela época de ouro. Parece que foi há tanto tempo. Até menti na inscrição, mas não na entrevista. Fui no George Heriots uma vez: quando eu era aprendiz di marceneiro na Gillsland's, e a gente fez uns trabalho lá. (TAROUCO, 2018)

No primeiro trecho é possível observar que a alternância entre a fala e o monólogo interior não fica tão clara. O grande contraste entre o inglês padrão e os dialetos não é visto. Se uso do português padrão e do português mais neutro que é usado no monólogo interior de Renton. Já no segundo trecho, apesar de não haver um grande contraste como o encontrado no original, há elementos que permitem perceber a manipulação da linguagem que está sendo feita pela personagem. Como, por exemplo, a mudança do ‘e’ final de palavras como ‘de’ para ‘i’ a fim de retomar o efeito da oralidade encontrada no original.

Outro trecho que merece destaque é um pequeno diálogo que faz parte do capítulo “*Courting Disaster*”. Neste capítulo, agora em um tribunal e na companhia de Spud, Renton precisa escapar de sua sentença e, novamente, sua capacidade de alternar entre variedades de acordo com suas necessidades e interesses é visível. Ao se dirigir ao juiz, Renton precisa mudar sua fala completamente, adotando mais uma vez o formal inglês padrão para mudar sua imagem de viciado à margem da sociedade.

- Mr Renton, you did not intend to sell the books?
- Naw. Eh, no, your honour. They were for reading.
- So you read Kierkegaard. Tell us about him, Mr Renton, the patronising cunt sais.
- I’m interested in his concepts of subjectivity and truth, and particularly his ideas concerning choice; the notion that genuine choice is made out of doubt and uncertainty, and without recourse to the experience or advice of others. (WELSH, 2001, p. 165-166)

Dois momentos são relevantes para analisar a capacidade de Renton de manipular a linguagem, o primeiro sendo o deslize em sua primeira fala. A personagem começa usando seu dialeto, mas logo percebe o ambiente em que se encontra e a necessidade de parecer um “cidadão de bem” que faz parte da sociedade, e muda sua fala para o inglês padrão. Outra parte relevante deste trecho é o final em que novamente há uma situação de contraste: o choque entre a explicação complexa a respeito dos conceitos de Kierkegaard e a voz interior da personagem, sempre representada em dialeto.

- Sr. Renton, o senhor não tinha a intenção de vender os livros?
- Nem. Quer dizer, hã, não, Excelência. Eu pretendia lê-los.
- Então o senhor lê Kierkegaard. Fale um pouco sobre ele, sr. Renton - pede o viado arrogante.
- Eu me interesso por seus conceitos de subjetividade e verdade, particularmente por suas ideias a respeito de escolhas; a noção de que as escolhas genuínas surgem da dúvida e da incerteza, sem recurso à experiência ou aos conselhos de outros. (WELSH, 2004, p.141)
- Sr. Renton, o senhor não pretendia vender os livros?
- Nem. Hã, não, Excelência. Eram para leitura.
- Então o senhor lê Kierkegaard. Conte para nós, Sr. Renton – diz o cuzão

metido.

— Tenho interesse pelos seus conceitos da subjetividade e da verdade, e especialmente pelas suas ideias em relação a escolhas; a noção de que a escolha legítima se faz na dúvida e na incerteza, sem recorrer à experiência ou ao conselho do outro. (TAROUCO, 2018)

Quanto à primeira questão a respeito do trecho original, não há grandes diferenças entre a primeira (Galera & Pellizzari) e a segunda tradução (Tarouco). Ambas tentam recuperar o efeito do uso de ‘naw’ ao invés de ‘no’, mas, acredito que, visualmente, nenhuma consiga. A expressão e o estranhamento causados pelos dialetos estão intimamente ligados ao visual, à forma como é representado no papel. É pensando nisso que, em minha tradução, ao abordar a segunda parte significativa do trecho original, tentei inserir palavrões e modificar o máximo possível as palavras de forma a torná-las próximas da fala, a fim de recuperar o estranhamento visual causado pelo uso do Scots. A mesma estratégia, de inserção de palavrões e alterações na escrita para representar a fonética, pode ser observada no trecho a seguir, apresentado junto com o trecho correspondente do original.

— (...). Do I make myself clear?

Clear as a bell, you fuckin docile cunt. I love you, shite-for-brains. (WELSH, 2001, p.267)

— (...). Fui claro?

Claro como cristal, seu cuzão manipulável di merda. Eu ti amo, seu monte di estrume. (TAROUCO, 2018)

Novamente há uma alteração na forma escrita que visa recuperar a forma como determinadas palavras e sons são pronunciadas no dialeto porto-alegrense.

O capítulo “*Searching for the inner man*”, como um todo, merece destaque. Neste capítulo, Renton relata suas experiências com psicólogos e conselheiros, com um destaque especial para uma sessão com Dr. Forbes que aparece transcrita no texto. Esse trecho é relevante, pois mais uma vez Renton se encontra diante de uma autoridade e, no entanto, apresenta um comportamento completamente diferente do padrão anterior. Ao invés de ajustar sua fala para o ambiente, tentando parecer mais culto a fim de manipular a opinião de seu interlocutor, a personagem permanece usando seu dialeto.

Dr Forbes: You mentioned your brother, the one with the, eh, disability.

The one that died. Can we talk about him?

(pause)

Me:

Why?
 (pause)
 Dr Forbes: You're reluctant to talk about your brother?
 Me: Naw. It's just that ah dinnae see the relevance ay that tae me bein oan smack. (WELSH, 2001, p.181-182)

Como pode ser observado no trecho acima, Renton não utiliza em nenhum momento o inglês padrão, deixando claro que “ele não gosta de ser analisado e que sabe o que dizer para conduzir o psiquiatra às conclusões tiradas por ele” (ZIKMUNDOVÁ, 2014, tradução nossa⁹). E o fato de Renton não alterar sua fala para se dirigir ao médico torna o contraste na tradução ainda mais necessário. É preciso que o leitor enxergue nas falas da personagem de agora uma grande diferença quando comparadas aos diálogos que aparecem nas situações em que Renton se contra na presença de uma autoridade. Seguem abaixo as duas traduções para o trecho do original:

Dr Forbes: Você mencionou seu irmão, o que tinha a, hã, deficiência.
 Aquele que morreu.
 Podemos falar sobre ele? (pausa)
 Eu: Por quê?
 (pausa)
 Dr Forbes: Você reluta em falar sobre o seu irmão?
 Eu: Não. Só não entendo qual a relevância disso em relação à minha dependência de heroína. (WELSH, 2004, p.154)

Dr. Forbes: Tu mencionou o teu irmão, aquele que era, hã, excepcional. Que morreu.
 Vamos falar sobre ele? (pausa)
 Eu: Por quê?
 (pausa)
 Dr. Forbes: Tu não te sente a vontade para falar sobre teu irmão?
 Eu: Nah. Só não vejo o que tem a ver com a heroína.
 (TAROUCO, 2018)

Na primeira tradução não há qualquer marca que recupere o efeito do original. O leitor não tem como saber que Renton na verdade não está pondo qualquer esforço para tentar parecer ser outra pessoa. Ele também, ao não alterar sua fala, revela que aquela consulta possui pouca relevância, sendo assim, a manutenção de seus dialetos é justificável. Esse tipo de efeito se perde na tradução. Já a segunda tradução, apesar não ter grandes contrastes como os encontrados no original, traz por meio de representação parcialmente fonética da fala algum tipo de efeito. Essa foneticidade do porto-alegrês visa criar o estranhamento que os dialetos causam no original. A escrita nessa forma serve para reforçar a ideia de um sotaque carregado, marcado pela informalidade, como o uso de “disso aí” pode sugerir.

⁹ “He does not like being analysed and knows what to say to get the psychiatrist to the conclusions he made.”

A fala de Mark Renton é marcada pela sua capacidade de transitar entre as línguas. De acordo com suas necessidades, a personagem abandona os dialetos e usa a língua padrão ou até mesmo, em outros capítulos que não traduzi do livro, usa variedades de outras regiões como a de Glasgow ou ainda o dialeto cockney. Evidenciar na tradução esse tipo de atitude de Renton em relação ao uso dos dialetos é essencial para a construção dessa personagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, busquei investigar a tradução de dialetos na obra *Trainspotting* de Irvine Welsh e as dificuldades impostas pela presença dos mesmos. Por ser um livro escrito em Scots, inglês Escocês e inglês Britânico, seus tradutores tiveram que optar entre uniformizar a língua ao traduzir a obra ou buscar um dialeto equivalente na língua de chegada. A primeira foi a escolha dos tradutores da versão oficial do livro para o português, uma versão que faz uso da linguagem padrão e evita o regionalismo, além de fazer com que parte do efeito criado pelo autor se perca. Welsh buscava, ao escrever em dialeto, retratar a voz daqueles à margem da sociedade e, ao usar as línguas de menor influência, em um gesto político contra as línguas no topo da hierarquia, cria um livro com um grande impacto para seus leitores. Recuperar o efeito político por completo é impossível no caso de *Trainspotting*, mas é possível, sim, recuperar a relação entre línguas de maior e menor influência.

Ao pensar minha tradução, escolhi o dialeto porto-alegrense devido a sua posição inferior ao dialeto falado em São Paulo, usado por Galera & Pellizzari. Num primeiro momento, a possibilidade de recuperar o efeito político pretendido por Welsh foi o principal motivo para a escolha desse dialeto, mas, após encontrar semelhanças significativas entre Porto Alegre e a cidade de Edimburgo, onde se passa o livro, a escolha desse dialeto parece ser a melhor solução. Acredito, porém, que seja possível ir além com a tradução dos dialetos e, com mais pesquisa, que um segundo dialeto relacionado ao porto-alegrês possa ser incorporado a minha tradução a fim de recuperar o efeito do uso de mais dialetos do original.

Outras questões que precisaram ser abordadas foram a escrita fonética de Welsh e a necessidade de pensar o uso do dialeto de forma a não sugerir que ambas culturas são idênticas e facilmente substituíveis uma pela outra. A foneticidade do texto de Welsh foi adicionada a obra de maneira a forçar o leitor ou a ler em voz alta para compreender ou apenas para criar um leve estranhamento, o mesmo estranhamento que o original causa em quem o lê. Já o uso de uma variedade não padrão marcada fortemente por regionalismos foi usada com cautela, primeiramente para não tentar substituir uma cultura, mas também para não tornar o texto caricato, fazendo com que qualquer efeito recuperado pelo original seja diminuído.

No entanto, apesar de acreditar que em minha tradução tenha conseguido recuperar parte dos efeitos e do impacto do original *Trainspotting*, há muito a ser revisto e aprofundado. A adição de um segundo dialeto, após um estudo maior das variedades do sul, seria essencial para recuperar a constante mudança de dialetos existentes no original. Um acréscimo ao impacto que poderia vir a causar no leitor seria uma investigação mais detalhada e completa da pronúncia gaúcha a fim de enfatizar ainda mais a foneticidade na tradução. É uma tradução com uma

proposta diferente da disponível no mercado atual, mas com um pouco mais tempo seria um interessante projeto para investigar mais a fundo a questão dos dialetos, que ainda é tão pouco discutida nos cursos de Letras.

Espero que neste trabalho tenha conseguido apresentar novas possibilidades para a tradução de dialetos. Como é preciso que tradutores busquem abordagens diferentes para textos escritos em dialetos, pensando em recuperar ao máximo os efeitos do original de forma a propiciar ao leitor brasileiro uma experiência semelhante ao do leitor do original. No entanto, é claro que, infelizmente, ainda é preciso pensar no mercado editorial e na necessidade de existir um público que se interesse por consumir algo que fuja do padrão.

REFERÊNCIAS

- ASHLEY, Katherine. **Welsh in Translation**. In: SCHOENE, B. *The Edinburgh Companion to Irvine Welsh*. Edinburgh University Press, p. 113-125, 2010.
- CAPPUCCIO, Alessandra. **Translation of Dialect and Cultural Transfer: an Analysis of Eduardo De Filippo's Theatre**. University of Warwick, 2010. Disponível em: <http://wrap.warwick.ac.uk/3666/1/WRAP_THESIS_deMartinoCappuccio_2010.pdf> Acesso em 25 out. 2018.
- CLEGG, David. **Thatcher's destruction of Scotland's industrial heartlands doomed generation to early drug deaths**. Daily Record, 2017. Disponível em: <<https://www.dailyrecord.co.uk/news/politics/thatchers-destruction-scotlands-industrial-heartlands-10870692>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- DEWAELE, Jean-Marc. **The Emotional Force of Swearwords and Taboo Words in the Speech of Multilinguals**. In: *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 25:2-3, p.204-222, 2004.
- EDIMBURGO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Edimburgo>> Acesso em: 22 set. 2018.
- FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de porto-alegrês**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2000.
- GARCEZ, Pedro M. **Diversidade linguística: considerações para a tradução**. *Trab.Ling.Apl.*, Campinas, (33):59-70, Jan./Jun., 1999
- JENKINS, Milly. **'Trainspotting' made easy - for Americans**. Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/trainspotting-made-easy-for-americans-1349197.html>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111267/104709.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- MARANGONI, Gilberto. **Anos 1980, década perdida ou ganha?**. *Desafios do desenvolvimento*, ano 9, n. 72, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2759:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 3 set. 2018.
- MAŠLANŇ, Michal. **Dialect and Translation**. 2006. Dissertação (Mestrado). Masaryk University Faculty of Arts, 2006. Disponível em: <https://is.muni.cz/th/khh1t/Mgr.Diplomova_prace.pdf>. Acesso em: 6 set. 2018.
- MCGUIRE, Matthew. **Welsh's novels**. In: SCHOENE, B. *The Edinburgh Companion to*

Irvine Welsh. Edinburgh University Press, p. 19-30, 2010.

MOURA, Tais. **Trainspotting e Marginalidade**. REVELL, v. 2, 2016 Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/986/pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

PEDDIE, Ian. **Speaking Welsh: Irvine Welsh in Conversation**. Scottish Studies Review, v. 8, n. 1, p. 130, 2007.

PORTO Alegre. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Porto_Alegre> Acesso em: 22 set. 2018.

PRIIMETS, Hele. **Non-standard Language In Irvine Welsh's Trainspotting And In Olavi Teppan's Translation Of The Novel Into Estonian**. Universidade de Tartu, 2017. Disponível em: <http://mobile.dspace.ut.ee/bitstream/handle/10062/57592/priimets_ma_2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 set. 2018.

ROSA, Alexandra A. **Translating place: linguistic variation in translation**. A Journal of Literary Studies and Linguistics, vol 2, n.2, 2012.

ROSO, Larissa. **Por que RS e Porto Alegre lideram as estatísticas da AIDS no país**. GaúchaZH, 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/07/por-que-rs-e-porto-alegre-lideram-as-estatisticas-da-aids-no-pais-6452662.html>>. Acesso em: 7 out. 2018.

SANTOS, Carolina. **A tradução de dialeto na literatura infantojuvenil**. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 12, p. 71-86, 2010

STEWART, David. **The Path to Devolution and Change: A Political History of Scotland Under Margaret Thatcher (International Library of Political Studies)**. I.B. Tauris: 2009.

SZWARCWALD, Celia Landmann et al . **A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996: uma análise espacial**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 16, supl. 1, p. S07-S19, 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000700002>.
Acesso em: 15 nov. 2018

SZYMAŃSKA, Izabela. **The Treatment of Geographical Dialect in Literary Translation from the Perspective of Relevance Theory**. University of Warsaw, 2017. Disponível em: <<https://content.sciendo.com/view/journals/rela/15/1/article-p61.xml>>. Acesso em: 25 set. 2018.

TALIB, Ismail S. **Anti-colonialism in Scottish, Welsh and Irish Literatures**. In: *The Language of Postcolonial Literatures – An introduction*. Londres: Routledge, 2002.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation: Towards An Ethics Of Difference**. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

WELSH, Irvine. **Trainspotting**. Londres: Vintage Books, 2001.

_____. **Trainspotting**. Tradução de Galera & Pellizzari. Rio de Janeiro: Rocco, 2004

ZIKMUNDOVÁ, Michaela. **The Language of Trainspotting**. Masaryk University Faculty of Arts, 2014. Disponível em: <https://is.muni.cz/th/399446/ff_b/BA_Thesis_Zikmundova.pdf>
Acesso em: 25 out. 2018

ZILLES, Ana Maria, MAYA, Leonardo Z. & SILVA, Karine Q. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS**. Salão de Iniciação Científica (11. : 1999 : Porto Alegre). Livro de Resumos. Porto Alegre : UFRGS, 1999.